

Prólogo

Os estudos que se seguem, como outros que empreendi antes, são estudos da “história” pelo domínio que abordam e referências que adotam; mas não são trabalhos de “historiador” [...]. Tratou-se de um exercício filosófico: o seu objetivo foi o de saber em que medida o trabalho de pensar a sua própria história pode libertar o pensamento daquilo que ele pensa silenciosamente e permitir-lhe pensar de um modo diferente.
Michel Foucault, *História da sexualidade 2*

Será que o nosso nome é mais que um mero acidente? Parece que não, afinal, talvez até a vida seja um grande acidente. No entanto, de certo modo, o nome que nos foi atribuído revela a nossa circunstância: a cultura em que estamos inscritos, a língua materna, às vezes a religião e, em alguns casos, até mesmo as atividades exercidas pelos nossos ancestrais. Nosso nome conta a história de onde partimos, a localização da nossa fala. Basta que apuremos a escuta.

Do meu nome, por exemplo, tipicamente português e cristão, tomo agora o Amorim como objeto de análise. Amorim talvez venha de amor, que, neste momento, aproveito para declarar à filosofia e às atividades práticas cujas portas ela me abriu: a docência e a pesquisa. Filosofia, por sua vez, também é amor, amor à sabedoria (*sophia*). Não um amor erótico (*eros*) ou sublime (*agape*), mas sim um amor entre iguais, entre amigos (*philia*). E quão vigorosa é essa amizade! A filosofia me levou à história da ciência, e a tudo isso se juntou a minha atividade como tradutora, que acabou me levando também à história da tradução.

Vejamos, então, outra possibilidade sobre a origem desse nome. Talvez o Amorim venha de uma negação do elemento mouro – a-morim, a-mouro, antimouro –, o que justificaria as cinco cabeças de mouros num brasão da família que eu vi há tempos. Nesse caso, provavelmente o nome seria uma alusão a uma atividade persecutória, quiçá cruzada, num passado longínquo, provavelmente remetendo à Reconquista.

Não faço mea-culpa pois nada tenho a ver com isso, mas o curioso é que cá estou eu agora, apresentando o percurso de um livro que, se não fosse pelo árduo trabalho de tradução levado a cabo pelos mouros, talvez estivesse fadado ao esquecimento. A própria atividade tradutória costuma ser esquecida, pensada silenciosamente como secundária. Portanto, assim como sugere Foucault na epígrafe acima, tentarei aqui pensar a tradução de um modo diferente, libertando o pensamento daquilo que ele pensa em silêncio.

1

Apresentação

Para mim, foi a descoberta ou a revelação de algo que há muito tempo me é familiar: uma receptividade incomensurável a tudo que sinto como meu, ou parte de mim – ou seja, pertencente ao ‘tema’. [...] Muitas vezes, após uma longa germinação, semeamos ao vento ideias que um dia retornam, marcadas por outras mãos e situadas em outros contextos, trazendo-nos a lembrança de nós próprios e de nossas particularidades. [...] Assim, aos olhos do artista, uma ideia jamais possuirá valor de propriedade. Aqui, trata-se muito mais de sua adequação à **engrenagem espiritual** de uma obra.
Thomas Mann, *A gênese do doutor Fausto*

Esta tese é sobre um livro científico antigo, mais precisamente, sobre a história das traduções de uma das obras fundadoras do cânone astrológico helenístico: o *Tetrabiblos*, escrito em grego, por Claudio Ptolomeu, na Alexandria do século II. A nossa hipótese é que esse texto, como todos os textos antigos que nos alcançaram, caracteriza-se por sua peregrinação, cujo traço que mais interessa aqui é a transformação decorrente dos seus encontros com outras línguas e culturas. Afinal, o que nos resta dos livros antigos são seus rastros, as suas reescritas, algumas mais, outras menos próximas – tanto linguística quanto espaço-temporalmente – das suas escritas originais. Nessas andanças, constituiu-se aquilo que podemos chamar de tradição textual manuscrita e impressa da obra de Ptolomeu. Trata-se, pois, de um constructo histórico. Apesar de cambiante, é a essa tradição que nos remetemos, em busca das origens e dos processos de transmissão do *Tetrabiblos* desde a Antiguidade até o Renascimento.

O trabalho que aqui se inicia não tem o fito de rerepresentar os grandes esquemas conceituais das teorias da tradução ou da ciência, apesar de dialogar com eles, e também não pretende se ater exclusivamente à manipulação empírica. Nem tanto ao céu, nem tanto à terra. Em vez dessa dicotomia entre ideias e coisas, preferimos arregaçar as mangas e mergulhar na materialidade atual do *Tetrabiblos*, na forma de livros, manuscritos, impressos, e-books e microfilmes. Seguimos as pistas de especialistas e comentadores. Fomos às cidades, bibliotecas e universidades por onde circularam astrólogos, tradutores e historiadores da ciência que o manusearam. Andamos pelas ruas, vimos o céu e respiramos o ar desses lugares. Sentimos a presença de todos esses personagens na pele, era como se todos eles se encontrassem no mesmo tempo/espaço e nos soprassem uma história. A história de uma prática, tanto científica quanto tradutória, na qual se

cruzam, em diferentes proporções e a cada circunstância, aspectos tanto teóricos quanto empíricos.

Como a trajetória do *Tetrabiblos* ao longo do tempo inclui a passagem por várias culturas, isso implica a abordagem do problema da sua transmissão inter- e intracultural, ou seja, é necessário que sejam explicitadas as relações que esse texto travou no cenário cultural que o produziu, e também nos demais que fazem parte da sua engrenagem espiritual. Ao tomar de empréstimo o termo “engrenagem espiritual” da epígrafe deste capítulo, pretendemos dar uma conotação dinâmica e plural à obra de Ptolomeu, uma ideia de que esse objeto científico – o livro – é um constructo que, apesar de sua aparente estabilidade (afinal, são quase dois mil anos de existência), é efêmero por definição, pois seus significados são definidos historicamente, conforme as particularidades linguísticas, políticas e culturais de cada circunstância que o (re)produziu. Alinhavadas essas histórias do livro em seu contexto sociocultural, teremos então uma biografia do *Tetrabiblos*, que nos pode ajudar a revelar as relações entre astrologia, ciência e tradução em cada situação, contribuindo para uma visão mais produtiva desses três conceitos.

Uma tendência muito recente nos chamados *Science Studies* é abordar o objeto científico para além da dicotomia natureza/cultura, ou seja, para além dos problemas entre realismo e construtivismo: “objetos científicos podem ser simultaneamente reais e históricos” (Daston, 2000, p. 3),¹ e a sua biografia pode ser um conjunto de histórias da vida prática, em vez de histórias sobre como as interpretações se sucedem umas às outras. Essa perspectiva produz um entendimento de que as traduções e outras reescritas dessa obra são partes do constructo a que hoje chamamos *Tetrabiblos*, sendo indispensáveis não só para que os estudiosos que não conhecem o grego antigo possam ler e entender o texto, mas também para que se revele o problema da produção e transmissão da ciência. É exatamente nesse ponto que se entrecruzam as histórias da ciência, da astrologia e da tradução.

O termo “biografia” sintetiza bem esta tese, pois o que se propõe aqui é uma biografia de texto, uma escrita sobre as origens e a transmissão do

¹ Todas as traduções de citações extraídas de obras em línguas estrangeiras ou adaptadas do português arcaico que se encontram nesta tese são de nossa autoria, exceto quando informarmos algo diferente.

Tetrabiblos, objeto este que se constitui na história, conforme cada sistema cultural que produz uma versão dessa obra. Decerto que o *Tetrabiblos* hoje, aqui no Brasil, não tem o mesmo significado e nem a mesma relação com o saber estabelecido que tinha na Alexandria de Ptolomeu, na Bagdá de Hunayn ibn Ishaq, na Toledo de João de Sevilha, na Salamanca de Abraão Zacuto ou na Lisboa de Pedro Nunes. E é no sentido de constructo histórico que será usado aqui o termo “biografia”, nada tendo a ver com uma visão frequente de localização, acumulação e compilação do maior número possível de fatos num quadro estável, supostamente representativo sobre a vida de alguém (ou algo). Tampouco se trata aqui de buscar a “essência” do texto original ou a “intenção fundamental” do autor, tendo em vista que o objeto biografado, como qualquer outro, é por definição instável, podendo vir a ser ou deixar de ser um objeto científico conforme a sua conexão com a prática e o pensamento científicos.

1.1

Astrologia, ciência e tradução

A astrologia é praticada há milênios, nas suas mais diversas formas, por todas as sociedades do planeta, sendo tratada de diferentes maneiras: como ciência, arte ou religião, amiúde mesclando tudo isso. Desde os mais remotos grupamentos humanos de que se tem notícia, até a civilização planetária atual, passando por todas as culturas orientais e ocidentais, não houve sequer uma época em que o homem não olhasse para o céu, buscando uma compreensão maior do mundo ao seu redor ou, pelo menos, uma orientação para o seu dia a dia. Para isso, com base nos ciclos regulares que observou na natureza, o homem estabeleceu relógios, calendários, efemérides e sistemas astrológicos. Mas é claro que não se pretende aqui dar conta de todas as variedades de sistemas astrológicos, por exemplo, as astrologias orientais, devido à extensão e à complexidade desse tema, tendo em vista que a prática astrológica nas culturas do Oriente é totalmente diversa daquela que se estabeleceu a princípio na Europa e, depois, em suas áreas de influência cultural, como as Américas. Não se trata aqui também das astrologias pré-colombianas, nem de qualquer outra que não seja a chamada “astrologia ocidental”, assunto que já é suficientemente amplo.

Apesar da diversidade de técnicas e práticas, é possível afirmar que o postulado fundamental da astrologia ocidental, que foi sistematizada na Grécia Antiga a partir do século IV a.C., é que há uma relação entre o macrocosmo e o microcosmo. Trata-se de um saber coeso, baseado nesse *logos* celeste, cuja finalidade é dar sentido a certos acontecimentos na Terra por meio da suposta relação com alguns fenômenos regulares e previsíveis que ocorrem no céu. Ideia semelhante podemos encontrar em geral na ética grega, cujo princípio é derivado da noção de cosmologia, ou seja, da mesma forma que o *kosmos* é ordenado por um *logos*, a *polis* e a *praxis* também podem ser. Em outras palavras, há uma analogia entre *physis* e *ethos*, ou seja, entre as leis da natureza e as leis do homem. É o “agir conforme a natureza” dos estoicos, cuja física de uma certa forma fundamenta as formas de divinação helenísticas; afinal, para os filósofos do pórtico, os deuses são parte da *physis*.² Dando um salto no tempo e no espaço, ainda se encontra um resquício disso na ética kantiana. No trecho final da sua *Crítica da razão prática*, Kant diz que só há duas coisas que lhe enchem o espírito: o céu estrelado e a lei moral. Nesse sentido, ética e astrologia estão muito próximas, pois ambas partem dessa repercussão do macro no micro.

No mundo ocidental, o sistema astrológico foi considerado lei universal da natureza até o século XVIII, ou seja, a astrologia tinha status de ciência, no sentido que podemos atribuir a esse termo desde a antiguidade grega até o Renascimento – sentido baseado na analogia entre macrocosmo e microcosmo –, formando com a astronomia um único domínio, que também será chamado aqui de “astrolomia”.³ Vale lembrar que o que estava em jogo então era uma cosmologia aristotélica, que se baseava na distinção ontológica entre mundo terrestre e mundo celeste, e na superioridade hierárquica do mundo celeste, que seria responsável pela geração da vida na Terra. A partir da modernidade, quando a ciência rejeita essa distinção entre os dois mundos, rejeitando também os sistemas de pensamento por semelhança, a natureza e o homem passam a ter a

² A palavra grega *stoa*, que dá origem ao termo “estoico”, significa “pórtico”, local onde os primeiros estoicos – Zenão, Cleantes e Crisipo – ensinavam sua doutrina.

³ Este termo encontra-se no texto *Esmeraldo de situ orbis*, do navegador português Duarte Pacheco Pereira (séculos XV-XVI), entre outros, e sua complexidade sintática e semântica será apresentada no próximo capítulo. Esse termo e seus derivados – astrôlomo, astrolômico – serão usados a partir de agora sempre que for necessário chamar a atenção para o amálgama entre astronomia e astrologia que vigorou até o advento da ciência moderna.

mesma contingência histórica, daí as ideias historicistas de progresso, evolução e teleologia, tão caras à ciência dos séculos XVIII e XIX.

Não nos cabe aqui reapresentar o problema da demarcação entre ciência e não-ciência, já que essa questão foi tratada em trabalhos anteriores (Machado, 2006). Por isso, nesta tese, o termo “ciência” será usado num sentido amplo, como um sistema de pensamento cujas raízes se encontram na Antiguidade, mas que, por uma série de fatores, dos quais se sobressaem as suas facetas iluminista, positivista e tecnológica, foi elevada a um lugar de destaque nas sociedades modernas ocidentais. Nesse ímpeto cientificista, à astrologia coube um espaço deletério devido a uma série de fatores, mas dos quais se sublinha sobretudo o declínio da cosmologia aristotélica (Carolino, 2003). Considerada como o ápice da razão humana, a ciência foi se especializando, produzindo disciplinas, tecnologias e peritos, ao mesmo tempo que entram em cena novas relações sociais e de trabalho. É o fim da era dos polímatas, é chegada a era dos acadêmicos profissionais. Tendo em vista essa especialização, o cientista, de maneira geral, reconhece a sua comunidade de atuação – os seus pares –, bem como o filósofo, o artista e o religioso; entretanto as fronteiras entre as diversas áreas nem sempre são claras, talvez porque assim não devam ser, já que, além de compartilharem pelo menos uma finalidade – dar sentido ao mundo e a si mesmos –, suas práticas tornam-se mais criativas quando se ligam a outras. Também não nos cabe aqui entrar na seara da inter-, trans- ou multidisciplinaridade, apenas lembrar que a necessária especialização ocorrida na ciência moderna produziu ganhos consideráveis, mas também perdas gradativas, sobretudo na formação humanista das sociedades contemporâneas. Talvez seja esta a demanda por trás das tentativas de religar as várias disciplinas.

Uma questão atual, tendo em vista a mudança de estatuto epistemológico da astrologia – que hoje, de maneira geral, não é considerada como ciência, mas que continua sendo praticada independentemente disso – é se essa relação é postulada como simbólica ou física. Ou seja, será que há algum substrato físico na astrologia, mesmo que de um tipo ainda desconhecido, ou será que se trata de um fenômeno narrativo, de tradução intersemiótica?⁴ Para as duas vertentes

⁴ Em poucas palavras, Jakobson define três tipos de tradução – intralingual, interlingual e intersemiótica –, com base na equivalência entre tradução e interpretação proposta por Peirce. “A tradução intralingual ou *reformulação* (*rewording*) consiste na interpretação dos signos verbais por

encontram-se argumentos na tradição textual, mas, como vimos anteriormente, a que vigorou foi a versão “naturalista” da astrologia, baseada na cosmologia aristotélica. Hoje em dia, no entanto, é possível partir do pressuposto de que o que se entende por natureza, ou “fato natural”, também é uma construção cultural, logo, um valor simbólico, circunscrito, datado. Ou seja, objetos tornam-se científicos e deixam de sê-lo conforme a prática científica, e isso não implica que não sejam reais. Contudo a ciência ocidental se constituiu embasada na dicotomia natureza-cultura, tentando afastar de si aquilo que supostamente não fizesse parte do mundo empírico, natural, a fim de tentar garantir a objetividade da ciência.

Devido a essa tensão histórica entre astrologia e ciência, o objeto da presente tese – o *Tetrabiblos* –, que é uma das obras mais prestigiadas da história da astrologia, torna-se também de grande importância para a história da ciência, principalmente por materializar uma prática astrológica que, para além da parte técnica e preditiva, ou seja, a construção e leitura de mapas (os prognósticos astrológicos), também inclui um voltar-se criticamente para si mesma, uma reflexão sobre os seus fundamentos, como se vê logo nos primeiros capítulos do *Tetrabiblos*, onde se mesclam argumentos que, esquemática e anacronicamente, denominamos naturais e culturais. É anacrônico usar esses termos porque, como mencionado anteriormente, a ciência antiga se baseava num raciocínio por semelhança baseado na *sympatheia*. A simpatia constituía um entendimento de natureza que, por aproximar ou distanciar as coisas, dava sentido ao jogo fogo-terra-ar-água da física antiga. Por exemplo, o fogo, que é quente e seco, antipatiza com a água, que é fria e úmida; o ar, que é quente e úmido, antipatiza com a terra, que é fria e seca; no entanto o ar simpatiza com o fogo, porque ambos são quentes, e com a água, porque ambos são úmidos. É a simpatia entre macrocosmo e microcosmo que define essa relação preconizada pela astrologia; entretanto, ao contrário da ciência antiga, a ciência moderna reserva ao pensamento por semelhança apenas um lugar precário (Foucault, 2000, p. 10). Daí a pertinência da questão sobre se a astrologia hoje entende essa relação como simbólica ou física. Na época de Ptolomeu, essa pergunta não faria sentido.

meio de outros signos da mesma língua. 2) A tradução interlingual ou *tradução propriamente dita* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua. 3) a tradução inter-semiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais” (Jakobson, 2006, p. 64-65).

O *Tetrabiblos* passou por uma série de cópias, traduções, paráfrases, comentários e adaptações nesses dois mil anos que nos separam da escrita de Ptolomeu, até chegar à forma que conhecemos hoje, nas suas traduções para as mais diversas línguas, constituindo, nesse percurso de reescritas, a sua biografia. As fronteiras entre os conceitos de tradução, paráfrase e adaptação ainda estão opacas, confundindo-se e não deixando claras as especificidades de cada um deles. Isso se deve ao fato de essas especificidades serem criadas, logo, demarcadas por posicionamentos teóricos distintos. Por ora usaremos as denominações gerais adotadas pelos próprios responsáveis por essas reescritas ou, de maneira geral, “tradução”, já que é como tradução que as versões atuais circulam. Justamente por circularem como tal, essas edições do texto de Ptolomeu encaixam-se no conceito de “tradução presumida” (Toury, 1995), proposto no âmbito dos Estudos Descritivos da Tradução, paradigma que será apresentado em detalhes no capítulo de fundamentação teórica.

A proposta desta pesquisa é tomar a transmissão do *Tetrabiblos* como objeto de reflexão sobre o papel da tradução na área das ciências, que chamaremos aqui de “tradução científica”. A complexidade que esse termo evoca, devido à polissemia dos próprios conceitos de tradução e ciência, exige uma rápida abordagem desse problema, que será assunto de uma seção no próximo capítulo. Normalmente tratada pelos editores e cursos de tradução brasileiros como “tradução técnico-científica”, ou simplesmente “tradução técnica”, a tradução de textos científicos é a primeira noção que nos vem à cabeça quando pensamos no papel da tradução na prática científica. Afinal, é inevitável a tradução da literatura especializada, sobretudo em países periféricos, que tendem mais a consumir ciência do que produzi-la, como é o caso do Brasil. Podemos pensar também numa segunda noção, que é a tradução como a transmissão de um conhecimento científico de um lugar para outro, ainda que não implique necessariamente a tradução de uma língua para outra. Vale lembrar que o conhecimento produzido num certo local, por mais que aspire ao universalismo, sempre terá características específicas desse contexto; portanto, ao transmiti-lo para outro local, que também tem suas particularidades, algum tipo de tradução deverá ser feito. Esse compartilhamento de informações é comum nas mais diversas comunidades científicas ao redor do mundo, e é importante também tentar entender o papel da tradução nesse processo, se há perdas ou ganhos

conceituais, e se a tão desejada objetividade da ciência é colocada em xeque. Afinal, será que os conceitos são os mesmos, apesar de serem escritos em línguas diferentes ou usados em contextos diversos? Ou será que podemos dizer que o processo de tradução produz novos conceitos científicos? Além disso, uma terceira noção seria a tradução como divulgação científica, pois se trata de colocar em termos menos especializados, para o público em geral, aquilo que é produzido pelos cientistas, quer seja na mesma língua ou em outra.

1.2

Estrutura da tese

É importante esclarecer, ainda neste primeiro capítulo, que não se trata aqui de uma história geral da tradução no período medieval e no Renascimento. Trata-se de uma investigação sobre um texto astrológico que passou por uma série de reescritas nessa época, como boa parte da ciência grega, em função das trocas culturais que se foram estabelecendo ao longo do tempo.

Por exemplo, o movimento de tradução que começou no mundo árabe, com a chegada ao poder da dinastia dos Abássidas (750), caracterizou-se pela tradução de um volume considerável das obras clássicas de filosofia, astrolomia, matemática, medicina, todas as ciências enfim, do grego para o árabe, e ocorreu principalmente em Bagdá (Gutas, 1998; Salama-Carr, 1990; O’Leary, 1980). Enquanto isso, na Europa, o acesso do mundo ocidental aos saberes gregos, nos séculos VIII e IX, restringia-se aos enciclopedistas latinos,⁵ tendo em vista que o conhecimento da língua grega estava em declínio.⁶ No século X, entretanto, o papa Silvestre II adquiriu alguns tratados árabes que foram traduzidos para o latim e, de 1125 a 1200, ocorreu um intenso fluxo de traduções do árabe para o latim com o patrocínio da Igreja. No século XIII, sob o patrocínio do rei de Leão e Castela – D. Afonso X, o Sábio – traduziram-se muitas obras, sobretudo do árabe para o castelhano, mas também do/para hebraico, grego e latim, especialmente de astrolomia, transformando a Espanha num grande centro de tradução e numa rica

⁵ Como veremos, durante o período helenístico se produziram em latim muitas “enciclopédias”, ou compilações, dos saberes gregos.

⁶ As únicas exceções talvez tenham sido a Itália e a Sicília, onde algumas traduções significativas foram feitas diretamente do grego para o latim, tendo em vista que seus contatos com o Império Bizantino, e conseqüentemente com a língua grega, nunca foram interrompidos.

zona de troca cultural, tendo em vista a política de tolerância religiosa entre cristãos, judeus e muçulmanos, especialmente em Toledo, em prol da difusão do conhecimento (Lafarga; Pegenaute, 2004; Pym, 2000; Delisle; Woodsworth, 2003).

Trocando em miúdos, a fim de demonstrar que o *Tetrabiblos* é um constructo histórico, o que se destaca nesta tese é o papel da tradução na transmissão da ciência ao longo do tempo, considerando-se as manipulações textuais decorrentes das escolhas e da agenda política de tradutores e patrocinadores.

O Capítulo 2 é a fundamentação teórica desta tese. Grosso modo, em termos de Estudos da Tradução, o nosso pressuposto é que a literatura traduzida constitui um sistema dentro do sistema literário da língua-alvo. Esses sistemas, na verdade polissistemas, ligam-se a outros – sistema econômico, social etc. – no interior de um mesmo sistema cultural (Even-Zohar, 1978; Toury, 1995).⁷ Além disso, projetos tradutórios são constituídos por alguma agenda política, já que implicam manipulações textuais, quer por motivos ideológicos ou poetológicos (Lefevere, 1992). Vale lembrar que essa proposta teórica se refere a polissistemas literários, e não a polissistemas científicos; no entanto é possível migrar todos os conceitos aplicados a um sistema literário para um co-sistema científico, fazendo as adaptações necessárias. Portanto o termo “literatura” será usado aqui num sentido lato, aplicando-se também à produção bibliográfica do sistema científico.

Por outro lado, em termos de história da ciência, o pressuposto desta tese é que a ciência, assim como a tradução, pode ser entendida como um fato cultural, uma criatura histórica, produto de uma determinada comunidade que comunga de valores, crenças, metodologias e visões de mundo (Kuhn, 1996), além, é claro, de não ser epistemologicamente superior a nenhum outro sistema de pensamento e de implicar o compromisso com uma agenda política (Feyerabend, 1977). Esse posicionamento teórico foi desenvolvido ainda mais pelos praticantes dos *Science Studies* a partir dos anos de 1980.

Uma questão importante que também será trazida à tona nesse capítulo é a invisibilidade da tradução filosófico-científica (Venuti, 2002; Montgomery, 2000). É como se não houvesse a intervenção da escrita tradutora na literatura

⁷ Como veremos no segundo capítulo, esta é a teoria dos polissistemas; no entanto, de maneira geral, usaremos os termos “sistema” e “polissistema” intercambiavelmente.

científica, que se pretende neutra, com uma história linear, produto exclusivo da autoridade e do prestígio do autor. Isso reflete, evidentemente, concepções de ciência e tradução que compõem uma história positivista, ou seja, uma história de legitimação de grandes feitos e gênios, que produziram sozinhos os sentidos definitivos das palavras e as verdades finais sobre as coisas do mundo. Nesse cenário positivista, a tradução é entendida como o transporte de carga de uma língua para outra. A carga seria o sentido, que de alguma maneira se manteria fixo nessa passagem. E a ciência, por sua vez, sob a perspectiva positivista, é considerada como o ápice da razão humana, o lugar da certeza e das verdades definitivas.

Faz-se necessário, portanto, para produzir um afastamento dessa concepção historiográfica positivista, contar uma história que integre os *Science Studies* aos Estudos da Tradução, uma história material e cultural, ou seja, uma história das práticas tradutórias e científicas, que implicam personagens, objetos e relações menores e marginais, muitas vezes anônimos. Como será visto no próximo capítulo, ganha-se, com isso, uma história local, que implica linguagens locais, portanto dinâmicas, complexas e híbridas, que, por sua vez, também implicam relações de poder que muitas vezes impõem, mas que também produzem sentidos (Galison, 1999, p. 400-401).

No Capítulo 3, “Rastros da literatura astrológica helenística – revisão bibliográfica”, será discutido o problema das fontes bibliográficas desta pesquisa, sobretudo em relação ao cânone astrológico helenístico. Não encontramos nenhum trabalho específico sobre a história da tradução astrológica, mas sim uma grande e variada bibliografia de histórias da tradução, da astrologia e da ciência que se interconectam. Essa falta de referências específicas não surpreende, tendo em vista a invisibilidade da tradução filosófico-científica que mencionamos anteriormente. Nesse capítulo apresentaremos também as edições críticas do *Tetrabiblos* e as pegadas desse livro que encontramos pelo caminho.

No Capítulo 4, “*Tetrabiblos*: começando uma reescrita”, iniciaremos a biografia do *Tetrabiblos*, numa perspectiva do cenário em que esse livro veio à luz no polissistema científico helenístico. Apresentaremos o seu conteúdo, conforme um estudo comparado de várias traduções disponíveis hoje em dia, aproveitando para refletir sobre as questões teóricas que o texto suscita.

Nos capítulos seguintes serão estudados alguns episódios do percurso de traduções e transmissão do *Tetrabiblos* ao longo da história, sempre considerando essa obra como literatura astrológica traduzida (sistema de literatura astrológica da língua-alvo), que, por sua vez, pode ou não (de acordo com o seu estatuto epistemológico na época) fazer parte do polissistema científico, mas que certamente faz parte da estrutura maior de uma cultura e sua história. Em suma: no Capítulo 5 examinaremos o polissistema helenístico, onde se produziram a escrita e as primeiras reescritas em grego do *Tetrabiblos*; no Capítulo 6 veremos o polissistema científico árabe (séculos VIII, IX e X), que produziu as duas primeiras traduções conhecidas do *Tetrabiblos*, e o polissistema científico ibérico (séculos XIII, XIV, XV e XVI), onde identificamos um mar de reescritas; e no Capítulo 7 destacaremos o polissistema português nos séculos XV e XVI, no qual reside a maior parte da nossa base empírica, incluindo-se aí o manuscrito 1866 que encontramos na Biblioteca Nacional de Espanha: uma tradução castelhana quatrocentista do *Tetrabiblos*. Encerramos a tese no período da expansão marítima, muito embora a obra de Ptolomeu tenha continuado as suas peripécias tradutórias, sobretudo porque o recorte temporal já é suficientemente amplo, mas também porque é o período histórico mais problemático em termos bibliográficos (antecede a invenção da imprensa), e porque, até então, a astrologia fazia parte do domínio científico.

A divisão em polissistemas científicos helenístico, árabe, ibérico e português atende à necessidade de organizar os diversos contextos estudados, porque, mais do que uma questão geográfica, étnica ou religiosa, trata-se aqui de uma questão linguística. É, portanto, a língua que vai servir de parâmetro e nortear esta pesquisa sobre as práticas tradutória e científica que se estabeleceram nos mundos de língua grega, árabe, espanhola ou portuguesa, independentemente da geografia e das origens étnicas ou religiosas de seus agentes.

No Capítulo 8, para encerrar a tese, retomaremos os resultados alcançados sobre o importante papel da tradução na transmissão do *Tetrabiblos*, tecendo-os com algumas considerações finais sobre a pertinência da nossa hipótese.